

O ROMEIRO

Movimento de Romeiros de São Miguel

www.mromeirosm.pt

NOVEMBRO 2020

AGENDA CANCELADA



OS ROMEIROS DE SÃO MIGUEL COMO OBJETO DO SAGRADO



MIGUEL JARIMBA

A pedido do Irmão João Leite, que quero agradecer desde já, partilho 1 linhas sobre um trabalho que desenvolvi na disciplina de Património Religioso e Transmissão Cultural, unidade curricular do Mestrado em Ciências Religiosas na variante de ensino da Educação Moral Religiosa Católica (EMRC) da Universidade Católica Portuguesa no qual fomos desafiados a escolher um tema e a minha escolha recaiu sobre os *romeiros de S. Miguel como objeto sagrado*.

O porquê desta escolha? Falar dos Romeiros é falar um pouco da história da religiosidade de S. Miguel, dos Açores, e sendo eu filho de micalense, familiar e amigo de vários romeiros que partem/partiram pensei que era uma oportunidade de mostrar o que de tão bonito se faz nos caminhos de S. Miguel durante a Quaresma, um caminho de encontro e de comunhão com Deus, Jesus e a sua mãe, Maria Santíssima.

Mais que uma peregrinação, os Romeiros são um ato de fé, um encontro interior, consigo e com Deus, com várias motivações, diferentes uns dos outros (conversão pessoal e espiritual), mas no fundo caminham juntos, sem diferenças e com 1 propósito.

Neste trabalho abordei as quatro dimensões do processo de identificação e transmissão crente do modelo de Danièle Hervieu-Léger socióloga francesa especialista na área da sociologia da religião: No *Pólo comunitário-identitário* foi abordado o "(...) conjunto de marcas sociais e simbólicas que definem as fronteiras do grupo religioso e

que permitem distinguir "os que pertencem" dos "que não pertencem". (Teixeira, 2020), isto é, como os Romeiros estão organizados, qual o seu objetivo, o que é ser Romeiro, os Romeiros e a sua articulação privilegiada com a Quaresma, onde são marcados por uma importante orientação mariana.

No *Pólo Cultural*, Hervieu-Léger retrata a dimensão que envolve: "o conjunto dos elementos cognitivos, simbólicos e práticos que constituem o património de uma tradição particular (...)" (Teixeira, 2020): Os romeiros são um importante objeto do religioso, fazem parte da vida da Igreja e da cultura dos Açores. Ao caminharem e ao visitarem todas as igrejas e ermidas, estão também a dar a conhecer o enorme património existente na região.

D. António Braga, bispo emérito da Diocese de Angra escreveu: "Quem visita São Miguel durante a Quaresma apercebe-se logo que há algo diferente na ilha: Ranchos de homens de todas as idades e classes sociais, com semblante austero e vestes penitenciais, calcorreiam as estradas e os atalhos da ilha, cantando Ave-Marias. São as Romarias Quaresmais de S. Miguel, manifestação religiosa original que intriga tanta gente, dentro e fora da Igreja" (Braga, 2003)

Faz parte do pólo cultural, como material simbólico das romarias a indumentária dos romeiros, traço que os identifica e funciona como um referente ao testemunho corporal do penitente. (Coutinho, Alexandre; Machado e Machado 2006)

O terceiro pólo, o *Pólo Axiológico* "é a aceitação dos valores ligados à mensagem religiosa veiculada por uma determinada tradição." (Teixeira, 2020).

A Romaria é uma experiência muito rica: Pode ser uma penitência, um sacrifício, um sofrimento, uma promessa para cumprir, mas não a podemos reduzir a um simples ato penitencial pois muitos encontram na Romaria a força e a alegria que vão iluminar a sua existência durante todo o ano. A Romaria é sobretudo a alegria de conviver em comunhão com Cristo!

Em cada dia que passa, o espírito de caridade cristã do Romeiro aumenta, dentro de si há uma grande vontade de proclamar a sua fé, louvando Deus, a vida de Jesus Cristo e da Sua Mãe Maria Santíssima. Cada passo dado no caminho, muitas vezes com esforço e cansaço é sinal de caminho interior com e para Deus. É um encontro que cada romeiro tem consigo mesmo e é feito na companhia de outros homens que também se tornam seus, tornam-se irmãos em Cristo.

Por último, o método da Hervieu-Léger identifica o *pólo afetivo-emocional* "à experiência afetiva associada aos processos de identificação (...)" esta experiência, que produz o sentimento coletivo do "nós", está frequentemente ligado ao "acontecimento".

O "nós" que a Hervieu-Léger fala pode ser traduzi-

do por este sentimento coletivo que os romeiros sentem, muito mais que um grupo que se junta para caminhar, há um sentimento de união, de fraternidade, de solidariedade entre os irmãos romeiros.

Esta experiência de fé é também ela uma experiência de comunhão, de testemunho e de transformação pois quem parte não volta a mesma pessoa, cada pessoa chega cheio do Espírito Santo e quer assumir o seu compromisso enquanto cristão.

Apresentar os Romeiros de S. Miguel foi um grande desafio porque muitos o desconhecem por completo, mas a disciplina de EMRC tem esta "missão": "tem em vista a formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade (...) Promove-a a partir do diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa" (CEP 2006).

A disciplina de EMRC quer reforçar o seu papel da formação humana dos seus alunos e uma das formas é a transmissão de conteúdos da fé pois a dimensão religiosa é parte integrante do ser humano.

Estamos hoje a viver uma forte secularização na nossa sociedade, cada vez mais vemos escolas a fecharem portas à disciplina de EMRC, contudo esta via da transmissão religiosa a partir do património cultural presente nas unidades letivas da disciplina permite ultrapassar os modelos secularistas que querem a privatização da religião, elas mostram que os itinerários formativos são dispositivos disponíveis para aceder ao depósito da fé.

Podemos assim dizer que a EMRC, devido ao seu alcance cultural e ao seu papel formativo na vida dos alunos poderá ser um grande mediador entre o património religioso e a sociedade e tem como "múltiplas oportunidades para a propor a memória cristã, enquanto contributo para a construção de uma cidadania partilhada e resposta às questões derradeiras da experiência humana" (Teixeira, 2020).

D. José Tolentino Mendonça escreve que a via da mediação cultural pode ser uma oportunidade para oferecer às pessoas em geral e aos alunos de EMRC em particular, uma aprendizagem sobre o substrato religioso da cultura.

Isto vai de encontro da importância da descoberta do significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã que este trabalho pretendeu abordar, só a partir deste conhecimento é que o aluno poderá ter uma visão mais alargada do que é isto dos Romeiros, a sua ligação cultura-fé.

Claramente que a exploração no terreno, o ter a experiência de ser romeiros, o viver e experimentar na "pele", ouvir diretamente de quem faz estas romarias seria uma mais valia, mas infelizmente ainda não me foi possível, espero, em breve, conseguir também eu ser um romeiro.

Obrigado pelo vosso exemplo, Unidos em Oração!